

RESPOSTA A DEIRDRE BROWER LATZ E RUBEN FERNANDEZ  
Gabriel Benjiman, Região da África

Deirdre Brower Latz e Rubén Fernández levantam muitas questões cruciais que são compartilhadas em comum à medida que cada um deles trata do assunto. Não querendo ignorar o fato de que o escritor de cada artigo representa contextos e paisagens sócio religiosas imensamente diferentes, será o objetivo desta resposta identificar pontos comuns positivos em legendas que eu acho úteis para conversações. Deirdre Brower Latz (2018, p.1) pergunta: “*Em quê podemos concordar no que diz respeito a seguir fielmente? O que significa ouvir o chamado ‘tomar a cruz e seguir’?*”

*Contendendo por uma visão renovada da cruz*

Rubén Fernández e Deirdre Latz defendem uma visão renovada da cruz. A cruz significa coisas diferentes para diferentes pessoas. Para alguns, é simplesmente um ornamento, uma expressão desprovida de qualquer significado espiritual. Para outros, é um mandato para oprimir em nome de Deus. Para outros ainda, é esperança. “... *a cruz, então, e o que isso significa, não é tão simples quanto parece.*” (Deirdre Latz, 2018, p.2)

No mínimo, as contensões repousam em uma propriedade corporativa e pessoal da cruz. No outro extremo do espectro, o chamado é para uma identidade transformadora da vida extraída da cruz. Tomar a cruz propõe uma permanência de postura. Fernández apresenta isso como resgatar o chamado de Jesus: “O chamado de Jesus é um apelo a um compromisso com ele para a vida e que inclui todos os aspectos da vida do indivíduo ... um chamado à conversão. É bom resgatar a seriedade do chamado de Jesus nestes tempos ...” (2018, p.10). Fernández pergunta novamente: “Quantas vezes nós ensinamos às pessoas como seria tomar a cruz hoje” (p.15).

Deirdre Latz enfatiza que quanto maior a obediência em seguir, mais verdadeira é a inculcação da fé cruciforme sobre a identidade dos discípulos. O significado da cruz não é, de modo algum, uma consequência leve para um seguidor de Cristo. O ponto mais profundo da disputa é que deve haver temas significativos que sejam fundamentais e vitais para a nossa identidade pessoal e corporativa como seguidores de Cristo no mundo. E ainda deve haver uma compreensão clara do que significa “tomar a cruz e seguir” Cristo nas gerações e nas nações em que nos é dada a nossa existência.

*Constituídos pela cultura e contexto?*

Aqui é onde a conversa se intensifica. Contexto e cultura tendem a catapultar a conversa em direções úteis. Latz (2018) apresenta a simples afirmação sobre as convicções daqueles que violam e oprimem os outros com a sincera intenção de serem fiéis à cruz. Reflexão sobre essa restrição para sermos sinceros e honestos discípulos de Jesus, levam-me a centrar meus pensamentos em torno do continente africano. Além da intensa opressão árabe e do mercado oportunista de escravos na África, o mundo cristão e ocidental se aproximou da África desde os primeiros tempos com igual vigor e violência. Colonialismo! Fernández (2018), que faz referência à colonização das Américas, sugere que os colonizadores vieram sob o pretexto de cristianizar o continente e seus habitantes. Não foi diferente para a África - como testemunhado na citação de abertura de Fernández pelo arcebispo Bispo Tutu.

As questões surgem centradas nas convicções e fidelidade à missão de Cristo de regimes opressivos na África. Estavam esses cristãos convencidos de que a opressão e a violência eram formas de expressar fidelidade a Cristo? Um exemplo disto é o regime sul-africano, Verwoerdian e sua fera de precisão, o Apartheid. Estavam os cristãos nesse movimento sob a convicção de que suas ações (apesar de violarem os habitantes indígenas "nativos") eram uma exibição fiel do

tomar sua cruz? Era isso o que significava para os fiéis discípulos de Cristo Anglo-Boer na África do Sul estarem no campo de batalha "negando-se"? Esse cristianismo influenciou uma cultura do nacionalismo africâner ou era uma cultura do nacionalismo levando em conta sua hermenêutica de discipulado? Existe a possibilidade de uma represália do nacionalismo negro na África do Sul e será justificado em todo o seu trabalho pelo impacto exógeno do retrato anglo-boer misturado do que significava ser fiel como um seguidor de Cristo? (Graybill, 1990). Que parte do contexto e da cultura forçaram esses discípulos sul-africanos a ser assim? É a cultura e o contexto que determinam a hermenêutica que dá origem à catequese que confirma que esses discípulos são fiéis? Quanto disso foi apoiado pela Igreja em geral? Como podemos evitar os perigos de tais influências na forma como somos cruciformados?

*Corajosamente contra culturais*

Reflexões sobre a ideia de que a igreja continua a ser a voz na comunidade, às vezes uma voz dos sem voz, é um papel profético unificando aqueles que procuram ser mais fiéis no serem Cristo aos feridos e machucados. A África continua a ser um excelente exemplo das maneiras como a Igreja pode ser e as maneiras que não devemos ser. Novamente, usando o apartheid como exemplo, alguns consideraram que escolher permanecer em silêncio contra as atrocidades era uma maneira de ser “mais fiel” à sua missão atual da Igreja. Não querendo perturbar o status nacional ou eclesial. Por outro lado, alguns procuraram ser mais fiéis à imagem do Cristo que derrubador de mesas e fazedor de chicote. Esta tensão de ser fiel à missão da Igreja versus fidelidade à missão de Cristo, apresenta um desafio à compreensão do que significa “negar a si mesmo” e “tomar a cruz”. Não é verdade que buscar ser mais fiel aos caminhos de um "Cristo de medidas drásticas" é a melhor garantia de ganhar uma cruz? Ao fazer exatamente isso - derrubar mesas, Jesus ganhou para si mesmo uma cruz. Manter um status quo não nos garante uma cruz.

Não é verdade, então, que alguém a quem é negada uma cruz não pode realmente ser identificado como sendo “mais fiel”? Fernández (2018, p.16) observa: “Minha observação na Mesoamérica é que a liderança da igreja evangélica em termos gerais é do tipo conformista. O que fazemos bem é preservar o status quo. Não desenvolvemos um verdadeiro discipulado no caminho da cruz. Não realizamos uma verdadeira liderança transformacional, como a de Jesus; Nós apenas colocamos bandagens nas feridas (e não é que isso está errado, mas é o suficiente?)”.

Implícita nos escritos de Latz e Fernández estão as tensões entre a *Igreja como agente moralizante* (usada para moldar a **crença** para garantir um **comportamento** cúmplice desejado ao **tornar-se** pela aparência ‘mais fiel a Cristo’ e, ao fazê-lo, **pertencer-se** um ao outro em cultura e prática comuns) e a *Igreja como uma agência do poder divino*, controlada pelo amor, desafiando o status quo, causando aqueles que são motivados pelo amor ao povo de Deus junto com o eu-Deus. (O amor aqui é um elemento de controle no poder e não um substituto do poder). (Maginizer, 2007).

Fernández (2018) defende um discipulado mais custoso que molde a vida de um seguidor de Cristo. Um chamado ao discipulado em que “os pregadores devem oferecer salvação” com mais requisitos (p.10). Enquanto isso está sendo preparado para um seguir corajoso, é preciso ter cautela. A Igreja como um todo, especialmente as de um viés de santidade, deve ter cuidado para não falar como se houvesse mais para a salvação do que a obra de Jesus. Isso pode ser interpretado como um Jesus mais algo que é necessário para a vida como um “seguidor mais fiel de Cristo”. Jesus + regulamentos denominacionais = salvação. OU, Jesus + a catequese e confirmação = salvação. Esta é uma implicação perigosa.

*Chamados para sermos a Igreja*

As implicações da contenção pela identidade coletiva e singular de um discípulo “mais fiel”, a coragem de ser contra cultural ou ser restringida pela cultura acabarão por moldar a igreja que tomamos por empréstimo do povo de amanhã. A igreja não pertence à geração que atualmente vive na sua sombra e aproveita seu fruto. A Igreja sempre pertence ao futuro e sua voz profética parece mais aceitável em retrospectiva. Na África, a Igreja perde as vozes proféticas individuais em pessoas como Steven Bantu Biko e Robert Sobukwe, quando a prioridade é servir um Cristo de nossas mentes no aqui e agora em vez de abraçar um Cristo que se assemelha a uma imagem mais bíblica e escatológica. Há uma tendência dos Nazarenos na África abraçarem uma *escatologia de relocação* (“Caminhando vou para Canaã”) em oposição a uma *escatologia de restauração* (Deus tornando todas as coisas novas através de Sua Igreja aqui na terra). Talvez, a razão para muitos africanos abraçarem uma escatologia de relocação estivesse firmada na esperança de escaparem à dor e ao sofrimento. Portanto, a ideia de tornar-se mais fiéis discípulos de Jesus pode não aceitar totalmente a ideia da Igreja como ativistas ambientalistas ou ver a responsabilidade do discípulo de Jesus como um guerreiro ecológico. Ser mais fiel à missão do Cristo da Bíblia assegura que a Igreja que vamos passar aos outros esteja na vanguarda e preparada para o objetivo final.

Todo discípulo que deseja negar-se e tomar a cruz busca não só deixar uma marca individualista. Deve também ser uma identidade coletiva e unificada. Rubén Fernández (2018, p.14) defende isto quando afirma: “Os jovens estão à espera de uma igreja militante, dissidente e reativa. Estamos perdendo as novas gerações que rejeitam uma igreja interessada em manter as coisas como estão ... Em vez disso, devemos nos perguntar, como podemos ajudar os jovens a ver suas carreiras como meios para transformar a sociedade?”

O caminho para alcançar este modo de sermos mais fiéis como discípulos de Cristo é rejeitar uma abordagem de tamanho único. Temos de permitir que o visual corporativo dos discípulos se adapte ao seu contexto sem perdermos nossa coesão. Um exemplo disto terá que ser a ausência de conversa sobre adoração corporativa. Os estilos litúrgicos diferem muito. Como africanos, a dança e uma profunda expectativa de transcender a adoração através de uma oração extemporânea não é incomum. Isso pode não ser necessariamente o caso de outros que leem suas orações corporativas. Nossa identidade como um todo global e corporativo deve continuar a existir como uma unidade de ofertas únicas de voz e solução para problemas contextuais. Deirdre Latz (2018, p.10) diz: “Este tipo de discipulado corporativo provavelmente não deve parecer o mesmo em todos os lugares”.

#### *Alguns Pensamentos Finais*

Como libertar nosso povo dos grilhões da hipocrisia e autocontradições em sua luta por se tornarem discípulos mais fiéis? Durante a era do apartheid, muitos dos Nazarenos Sul africanos etnicamente mais privilegiados se ofenderam era pelo fato de seus irmãos Nazarenos marginalizados sugerirem que ser mais fiel a Jesus implicava levantar-se contra a opressão e a marginalização do povo indígena. Os, então, poucos privilegiados e com vantagens em nossa denominação citavam as Escrituras sobre honrar os governantes e obedecer as leis do país. Agora, sob um novo regime com privilégios equitativos e compartilhados, alguns desses membros anteriormente privilegiados, vão às redes sociais falar mal dos “reis” e “dominadores” do seu país. Há uma crescente tensão e frustração porque o sapato está no outro pé. Como procura alguém ser um discípulo mais fiel de Cristo sem criar futuras oportunidades para autocontradição e hipocrisia? Como abordamos de forma individual e corporativa as questões sociais com um apelo à justiça e à vida santa sem cair na armadilha da percepção de

neutralidade? Não seria possível para os seguidores de Cristo ver Deus em Cristo sendo um libertador desafiando os sistemas opressivos e ver Deus como um Deus de lei e ordem, mantendo os sistemas de governança e seus reinos ao mesmo tempo estando unido em amor e comunhão?

Existe algum espaço para um seguidor fiel de Cristo simplesmente tolerar os outros quando o chamado aos fiéis seguidores é um chamado ao amor autêntico e santo? A resposta pode ser encontrada ao apresentar um estilo de vida de amor como verdadeira liturgia - uma expressão fiel a seguir.

### *Referências*

Graybill, L. S. (1991). *Christianity and black resistance to apartheid in south africa: A comparison of albert lutuli, robert sobukwe, steve biko, and desmond tutu (Cristianismo e resistência negra ao apartheid na África do Sul; uma comparação de albert lutuli, robert sobukwe, steve biko, and desmond tutu)* (Order No. 9217315). Available from ProQuest Dissertations & Theses Global. (303949147). Retrieved from <https://trevecca.idm.oclc.org/login?url=https://search-proquest-com.trevecca.idm.oclc.org/docview/303949147?accountid=29083>

Magaziner, D. R. (2007). *From students to prophets: Writing a political faith in south Africa (De alunos a profetas: Escrevendo uma fé política na África do Sul), 1968–1977* (Order No. 3278874). Available from ProQuest Dissertations & Theses Global. (304775974). Retrieved from <https://trevecca.idm.oclc.org/login?url=https://search-proquest-com.trevecca.idm.oclc.org/docview/304775974?accountid=29083>